

os homens lidam com o seu desejo e, por isso, recorrem à moral para justificar seus impulsos, mesmo que a retórica seja contraditória.

“Esses homens querem a volta da masculinidade tradicional, mas criticam veementemente aqueles que se colocam na posição de provedores e cuidadores. Por outro lado, criticam mulheres por ancorar posições privilegiadas no mercado de trabalho, mas também desprezam aquelas que se dedicam ao cuidado da família”, esclarece o profissional. Por isso, faz sentido a postura de dominação das mulheres — enquanto o homem está em caça, a mulher é seu objeto de desejo e conquista. “Precisam, para isso, de poder, dinheiro e autoridade”, discorre o psicólogo sobre os red pills.

Dessa forma, os “ensinamentos” nas redes sociais são recorrentes, especialmente para os mais novos, como uma forma de elevar ainda mais a misoginia e o machismo na sociedade. “Em Nietzsche, falamos de um homem ressentido e ensimesmado, que, por ser incapaz de se afirmar, busca impedir que o outro também se afirme, por isso, precisa reagir ferozmente para proteger intimamente sua fragilidade. Na psicanálise, compreendemos que essa é apenas uma forma de lidar com a angústia diante da sensação de desamparo frente ao feminino”, conclui Paulo Henrique.

Assim, a única saída é remediar essa posição de fragilidade, postura que, supostamente, permite que esses homens superem seus medos e se tornem dominantes em suas relações com as mulheres. Por isso, reúnem-se em grupos, criam conteúdos on-line e, até mesmo, livros para disseminar sua visão de mundo, para se sentirem minimamente no controle, o que é uma ilusão. Sem questionar a si mesmo, o outro é sempre tido como algoz.

Fim do calvário

Após o fim de um relacionamento, Carlos Moura, 46, passou por um processo individual e interno sobre se perguntar se era mesmo o que sempre achava ter sido. “Eu me perguntava se era, realmente, um homem comprometido com questões relacionadas ao antimachismo e também ao feminismo”, complementa. No início, percebeu que se apresentava como uma pessoa defensora dos direitos das mulheres.

Mas, com o passar do tempo, notou que havia nele sombras e raivas não reveladas, que tampouco Carlos reconhecia que existiam. “Mostrava ao mundo que era um homem muito seguro e resolvido, mas, por dentro, percebi que não era bem assim. E isso só aconteceu com 40 anos,

Termos que ilustram a série Adolescência

- **Incel:** presente na série, o termo vem de “celibatário involuntário” (do inglês involuntary celibates), descreve meninos que se sentem incapazes de ter um relacionamento amoroso, mesmo querendo se envolver com alguém. Assim, consideram as mulheres culpadas pelas suas frustrações amorosas.
- **Discord:** no início, a plataforma era amplamente utilizada pela comunidade gamer para jogos. Entretanto, passou a ser usada como um mecanismo de propagação de ódio, usado, principalmente, como uma ferramenta para repassar preceitos misóginos, como os do red pill.
- **Homens beta:** são aqueles considerados submissos às mulheres, em um patamar abaixo dos “alfas”, que são os que dominam as mulheres. Os betas são comumente ridicularizados dentro dessa hierarquia masculina.
- **MGTOW (Men Going Their Own Way):** a sigla significa “homens seguindo seu próprio caminho” e define um movimento masculino de rejeição a mulheres, sob a tese de que elas são manipuladoras e responsáveis pelas frustrações amorosas de homens e garotos.
- **Chad:** gíria on-line usada para descrever os “homens que as mulheres gostam”, aqueles que, por estereótipo ou outros fatores, são considerados extremamente atraentes.
- **Stacy:** utilizado para definir mulheres que preferem os chads, esse termo define aquelas que são vistas como as mais atraentes e desejadas. Os incels, por outro lado, as consideram fúteis e rasas.

Para ver mais

- *Infância Interrompida*
- *Olhos que Condenam*
- *Objetos Cortantes*
- *Um de Nós Está Mentindo*
- *Chat: A Sala Negra*
- *Elefante*
- *Precisamos Falar Sobre o Kevin*
- *O Anjo Malvado*
- *O Aprendiz*
- *Tara Maldita*

porque é bem difícil perceber que muito do que fazemos são personagens que montamos para nos apresentar diante dos outros”, conta.

Carlos queria se cuidar, também se entender melhor. Acreditava que, por meio do autocuidado, evitaria que essa escuridão se revelasse para o mundo exterior, o impedindo de se tornar alguém tão deprimido — o que já era algo que estava evoluindo sobre suas emoções. “Parece meio sem sentido, mas acho que buscava também compreender o que é ser homem, porque, na prática, ninguém sabe responder isso, e muitas vezes o modelo de ‘ser homem’ não é legal”, ressalta.

Para ele, foi duro admitir que, apesar de ser uma pessoa sensível, preocupada com os outros, criado em uma família amorosa, carregava sentimentos que precisava investigar. Rever, sem dúvidas, conceitos machistas e culturalmente misóginos. A terapia compartilhada nasceu como um respiro diante de tanto caos. Demorou muito, mas depois dos 40 e tantos anos Carlos tem se encontrado.

“Conseguí ver nos meus colegas coisas que eu via em mim. Tinha a oportunidade de conversar com outros homens que estavam dispostos a aprofundar e refletir sobre a vida. Quando se está em uma sala com homens de todo o tipo, mas que todos se colocam vulneráveis, a gente se desarma do medo. E quando o medo sai de cena, fica mais fácil enfrentar os demônios”, confessa.

Essa palavra — medo — é bem importante para se falar sobre homens, acredita Carlos. De diversas maneiras, esse sentimento está presente nos relacionamentos do dia a dia do universo masculino. Seja o medo de não ser bem-sucedido diante dos amigos, de ser ridicularizado, de ser o menor, até o medo da violência física. Não há como fugir. Mas, aos poucos, tem se livrado desse calvário.

Pai de uma adolescente de 15 anos, revela a angústia de criar e educar uma menina para crescer em um mundo tão machista e misógin. “Não tem um jeito simples de resolver, pelo menos eu não conheço. Não sinto hoje que existam muitos espaços seguros para as mulheres. Não falo só da segurança física, mas da segurança psicológica, de poderem estar bem sem perseguir o tempo todo padrões que se esperam das mulheres”, afirma.

No mais, o que pode fazer, e o que tem feito, é ser uma referência para que ela cresça sabendo que a régua sobre masculinidade é o pai que ela conhece. Além, é claro, de deixar aberto espaços para conversas sem filtro e um ambiente em que críticas são normais para que ambos possam evoluir. E amor, muito amor, pois, no fundo, é o que ela merece e precisa conhecer por enquanto.